

FORMAS DE VIDA E ESCOLHA DELIBERADA NA ÉTICA TELEOLÓGICA DE ARISTÓTELES

Seminário de Doutorado Filosofia UBI Março-Abril 2016

→ DESAFIO TEÓRICO

Ao apresentar a felicidade [εὐδαιμονία] no quadro de uma “filosofia-referente-às-coisas-humanas” [ἀνθρωπίνη φιλοσοφία], Aristóteles esclarece igualmente até que ponto qualquer tentativa de aceder a uma compreensão finalística do agir bem [εὖ πράττειν] em vista um bem-viver [εὖ ζῆν] terá de abrir caminho através de um emaranhado compacto de opiniões fluídas e de percepções divergentes quanto à sua natureza e extensão. Por outro lado, tendo em conta o recorte contingencial da acção, não só por ser indeterminado [ἀδιόριστος] o possível percurso do seu desfecho, mas também obscuro [ἄδηλος] o possível desfecho do seu percurso, dificilmente se poderá escamotear o impacto praxiológico da glosada expressão “deliberamos não acerca dos fins, mas acerca dos meios” [βουλευόμεθα δ' οὐ περὶ τῶν τελῶν ἀλλὰ περὶ τῶν πρὸς τὰ τέλη: ARIST., EN III, 3, 1112b 11-12]. No pressuposto de que a filosofia prática aristotélica compagina um duplo encaminhamento teleológico – um mais vinculado à prática da virtude [ἀρετή], o outro mais enraizado no exercício da deliberação [βούλευσις] –, a noção de fim [τέλος] adquire adensada coloração ética nos múltiplos lances que colocam em jogo a questão fundamental que nos faz interrogar pelo “bem-propriadamente-humano” [τὰνθρώπινον ἀγαθόν]. Ora, se em Platão a prática da virtude fundada num Bem é o que, no termo da ascensão dialéctica, nos deve tornar finalmente felizes [PLAT., *Res pub.*, 508 e], já em Aristóteles, por seu turno, importa que a felicidade decorra da finalização de um bem prático [πρακτὸν ἀγαθόν] dito

supremo [μέγιστος] não porque esteja “acima” ou para “além” de todos os outros bens, mas porque, ao ser “escolhido-em-razão-de-si-mesmo” [αἰρετός καθ'αυτό], necessita da mediação [μεσότης] quer de “bens-percebidos-como-tal” [φαινόμενα ἀγαθά] em função dos quais se efectiva a apropriação electiva dos diferentes modos de vida humana [ἀνθρώπινος βίος], quer de condições prudenciais mediante as quais uma escolha deliberada [προαίρεσις] é exercida com base no criterioso ajustamento de uma universalização formal da norma à contingente particularidade de uma situação-limite.

→ DESCONSTRUÇÃO DE LUGARES-COMUNS

- Eudemonismo = individualismo >> reducionismo acção ética “virtucêntrica” felicidade pessoal “em-vista-de-um-certo-bem [ti agaton]-que-se-percepciona-enquanto-tal [phainomenon agathon]” >> finalismo arquitectónico Política “viver-bem [euzen] -em-comunidade-como-bem-supremo[megistos agathos]”
- Teleologismo = essencialismo >> pressuposto erróneo continuum Metafísica substancialista [ousia] / judicativa [logos apophantikos] → Filosofia prática contingencialista/indeterminística [hos epi to polly]
- Binómio meios-fins >> capturado plano unívoco instrumentalismo adequação meios [pros ta telê] >> esquecimento 1. plano ergonómico aperfeiçoamento finalizável [teleoumenos] vida obra [ergon] 2. plano decisionário deliberação ponderada [proairesis] meios a fins ajustados casos particulares através mediação [meson] prudencial

→ ANÁLISE ICONOGRÁFICA



ARISTÓTELES, *Ethica Nicomachea*, I, 1, 1094a 1-3 [...] 7, 1097a 26 – b 11

>> Bem / Fim / Felicidade

Πᾶσα τέχνη καὶ πᾶσα μέθοδος, ὁμοίως δὲ πρᾶξις τε καὶ προαίρεσις, ἀγαθοῦ τινὸς ἐφίεσθαι δοκεῖ· διὸ καλῶς ἀπεφάνησαντο τάγαθόν, οὗ πάντ' ἐφίεται. [...] ἐπεὶ δὲ πλείω φαίνεται τὰ τέλη, τούτων δ' αἰρούμεθά τινα δι' ἕτερον, οἷον πλοῦτον αὐλοῦς καὶ ὅλως τὰ ὄργανα, δῆλον ὡς οὐκ ἔστι πάντα τέλεια· τὸ δ' ἄριστον τέλειόν τι φαίνεται. ὥστ' εἰ μὲν ἔστιν ἓν τι μόνον τέλειον, τοῦτ' ἂν εἴη τὸ ζητούμενον, εἰ δὲ πλείω, τὸ τελειότατον τούτων. τελειότερον δὲ λέγομεν τὸ καθ' αὐτὸ διωκτὸν τοῦ δι' ἕτερον καὶ τὸ μηδέποτε δι' ἄλλο αἰρετὸν τῶν <καὶ> καθ' αὐτὰ καὶ δι' αὐτὸ αἰρετῶν, καὶ ἀπλῶς δὴ τέλειον τὸ καθ' αὐτὸ αἰρετὸν ἀεὶ καὶ μηδέποτε δι' ἄλλο. τοιοῦτον δ' ἡ εὐδαιμονία μάλιστ' εἶναι δοκεῖ· ταύτην γὰρ αἰρούμεθα ἀεὶ δι' αὐτήν καὶ οὐδέποτε δι' ἄλλο, τιμὴν δὲ καὶ ἡδονὴν καὶ νοῦν καὶ πᾶσαν ἀρετὴν αἰρούμεθα μὲν καὶ δι' αὐτὰ (μηθενὸς γὰρ ἀποβαίνοντος ἐλοίμεθ' ἂν ἕκαστον αὐτῶν), αἰρούμεθα δὲ καὶ τῆς εὐδαιμονίας χάριν, διὰ τούτων ὑπολαμβάνοντες εὐδαιμονήσειν. τὴν δ' εὐδαιμονίαν οὐδεὶς αἰρεῖται τούτων χάριν, οὐδ' ὅλως δι' ἄλλο. φαίνεται δὲ καὶ ἐκ τῆς αὐταρκείας τὸ αὐτὸ συμβαίνειν· τὸ γὰρ τέλειον ἀγαθὸν αὐταρκες εἶναι δοκεῖ. τὸ δ' αὐταρκες λέγομεν οὐκ αὐτῷ μόνω, τῷ ζῶντι βίον μονώτην, ἀλλὰ καὶ γονεῦσι καὶ τέκνοις καὶ γυναικί καὶ ὅλως τοῖς φίλοις καὶ πολίταις, ἐπειδὴ φύσει πολιτικὸν ὁ ἄνθρωπος.

Toda a técnica e toda a investigação metódica — tal como não importa que acção e que decisão — visam, ao que parece, algum bem. Motivo pelo qual se tem dito, e acertadamente, que o bem é aquilo para que todas as coisas tendem. [...] Ora, visto que os fins se manifestam múltiplos, e deles, visando outras coisas, escolhemos alguns — como a riqueza, as flautas e em geral os instrumentos —, é óbvio que não são todos fins finais. Mas o supremo bem, esse, é manifestamente final. Por consequência, se não há senão um único bem final, é ele que será o bem procurado; se há vários, então será o mais final deles. Ora bem, ao que perseguimos por si mesmo, chamamos mais final do que ao perseguido por causa de outra coisa; e ao que nunca se escolhe tendo em vista uma outra coisa, chamamos mais final do que às coisas que escolhemos tanto por elas mesmas, como com outra finalidade. Dito lapidarmente: chamamos final ao que sempre se escolhe por si mesmo e nunca por causa de uma outra coisa. Tal parece ser, no mais alto grau, a felicidade; elegemo-la, de facto, sempre por ela mesma e nunca por causa de uma outra coisa. Enquanto isso, às honras, ao prazer, à inteligência e a não importa que virtude, escolhemo-los, certamente, por si mesmos — nenhum benefício deles nos adviesse e mesmo assim escolhê-los-íamos —, mas escolhemo-los também por causa da felicidade, pensando que por seu intermédio chegaremos a ser felizes. À felicidade, pelo contrário, ninguém a procura por causa dessas coisas nem, em geral, por causa de uma qualquer outra coisa. Ora, torna-se manifesto que também à mesma conclusão se chega quando se parte da noção de auto-suficiência aplicada à felicidade. De facto, o bem final parece bastar-se a si mesmo. E na nossa perspectiva, este *bastar-se a si mesmo* significa o que basta não a um só homem, que vive a sua vida de solitário, mas implica também os pais, os filhos, a mulher e, de um modo geral, os amigos e os concidadãos, posto que o homem é por natureza um ser social. [apud Aristóteles. *Ética a Nicómaco*, trad. Dimas de ALMEIDA, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2012]

>> Dimensão arquitectónica da Política

πολλῶν δὲ πράξεων οὐσῶν καὶ τεχνῶν καὶ ἐπιστημῶν
πολλὰ γίνεται καὶ τὰ τέλη· ἰατρικῆς μὲν γὰρ ὑγεία,
ναυπηγικῆς δὲ πλοῖον, στρατηγικῆς δὲ νίκη,
οἰκονομικῆς δὲ πλοῦτος, ὅσαι δ' εἰσὶ τῶν τοιούτων
ὑπὸ μίαν τινὰ δύναμιν, καθάπερ ὑπὸ τὴν ἵππικὴν
χαλινοποικὴ καὶ ὅσαι ἄλλαι τῶν ἵππικῶν ὀργάνων
εἰσὶν, αὕτη δὲ καὶ πᾶσα πολεμικὴ πράξις ὑπὸ τὴν
στρατηγικὴν, κατὰ τὸν αὐτὸν δὴ τρόπον ἄλλαι
ὑφ' ἑτέρας· ἐν ἀπάσαις δὲ τὰ τῶν ἀρχιτεκτονικῶν τέλη
πάντων ἐστὶν αἰρετώτερα τῶν ὑπ' αὐτά· τούτων (...)
Εἰ δὴ τι τέλος ἐστὶ τῶν πρακτῶν ὃ δι' αὐτὸ
βουλόμεθα, τᾶλλα δὲ διὰ τοῦτο, καὶ μὴ πάντα δι'
ἕτερον αἰρούμεθα (πρόεισι γὰρ οὕτω γ' εἰς ἄπειρον,
ὥστ' εἶναι κενὴν καὶ ματαίαν τὴν ὄρεξιν), δῆλον ὡς
τοῦτ' ἂν εἴη τάγαθόν καὶ τὸ ἄριστον. (...) εἰ δ' οὕτω,
πειρατέον τύπῳ γε περιλαβεῖν αὐτὸ τί ποτ' ἐστὶ
καὶ τίνοσ τῶν ἐπιστημῶν ἢ δυνάμεων. δόξειε δ' ἂν τῆς
κυριωτάτης καὶ μάλιστα ἀρχιτεκτονικῆς, τοιαύτη δ' ἢ
πολιτικὴ φαίνεται· τίνας γὰρ εἶναι χρεῶν τῶν
ἐπιστημῶν ἐν ταῖς πόλεσι, καὶ ποίας ἐκάστους
μανθάνειν καὶ μέχρι τίνοσ, αὕτη διατάσσει· ὀρώμεν
δὲ καὶ τὰς ἐντιμοτάτας τῶν δυνάμεων διατάσσει·
ὀρώμεν δὲ καὶ τὰς ἐντιμοτάτας τῶν δυνάμεων ὑπὸ
ταύτην οὕσας, οἷον στρατηγικὴν οἰκονομικὴν
ῥητορικὴν· χρωμένης δὲ ταύτης ταῖς λοιπαῖς
[πρακτικαῖς] τῶν ἐπιστημῶν, ἔτι δὲ νομοθετοῦσης τί
δεῖ πράττειν καὶ τίνων ἀπέχεσθαι, τὸ ταύτης τέλος
περιέχει ἂν τὰ τῶν ἄλλων, ὥστε τοῦτ' ἂν εἴη
τάνθρωπινον ἀγαθόν.

Havendo, porém, uma multiplicidade de acções, de técnicas e de ciências, daí resulta haver também uma multiplicidade de fins. Assim, a medicina tem como fim a saúde, a construção naval o navio, a estratégia militar a vitória, a economia a riqueza. Mas algumas dessas técnicas estão subordinadas a uma única capacidade, tal como à equitação se subordinam o ofício do fabrico de freios e os outros ofícios atinentes ao fabrico de equipamentos para os cavalos, sendo que a própria equitação — assim como toda a operação guerreira — se subordina, por sua vez, à estratégia militar; e, similarmente, há uma subordinação de outras técnicas a técnicas diferentes. Ora, em todos os casos, os fins das ciências mestras são preferíveis a todos os fins das ciências que lhes estão subordinadas, já que é em função daqueles que se perseguem estes. (...) Se, pois, nas nossas acções há algum fim que desejamos por ele mesmo — sendo em função dele que tudo o mais é desejado — e se não escolhemos infundamente coisa após coisa tendo em vista uma outra — o que nos levaria até ao infinito, ao ponto de se tornar vazio e vão o desejo — é evidente que um tal fim deverá ser o bem, isto é, o supremo bem. (...) Sendo assim, é-nos necessário tentar compreender — pelo menos em linhas gerais — que bem supremo é esse, e de qual das ciências ou das capacidades é ele objecto. Ora, há pertinência em aceitarmos ser ele objecto da mais soberana das ciências, daquela que é a ciência mestra no grau mais elevado, E tal é, de modo manifesto, a política. E ela que, com efeito, estabelece quais são, entre as ciências, as que são necessárias nas Cidades, e quais delas são objecto de aprendizagem — e até que ponto o são — para cada classe de cidadãos. E vemos que até mesmo as capacidades mais prestigiadas estão subordinadas à política: estão-no, por exemplo, a estratégia militar, a economia, a retórica. E dado que a política se serve das outras ciências práticas, e legisla o que se deve e não deve fazer — dado isso, no fim por ela visado estão integrados os fins das outras ciências, de tal modo que o fim da política é o bem do homem. [apud *Aristóteles. Ética a Nicómaco*, trad. Dimas de ALMEIDA, Lisboa: Ed. Universitárias Lusófonas, 2012]

>> Três modos de vida elegíveis

τὸν μὲν οὖν Ἀναξαγόραν φασὶν ἀποκρίνασθαι πρὸς
τινα διαποροῦντα τοιαῦτ' ἄττα καὶ διερωτῶντα τίνος
ἔνεκ' ἂν τις ἔλοιτο γενέσθαι μᾶλλον ἢ μὴ γενέσθαι
“τοῦ” φάναι “θεωρῆσαι τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν περὶ τὸν
ὅλον κόσμον τάξιν”. οὗτος μὲν οὖν ἐπιστήμης τίνος
ἔνεκεν τὴν αἵρεσιν ὤετο τιμίαν οὗτος μὲν οὖν
ἐπιστήμης τίνος ἔνεκεν τὴν αἵρεσιν ὤετο τιμίαν εἶναι
τοῦ ζῆν· οἱ δὲ Σαρδανάπαλλον μακαρίζοντες ἢ
Σμινδουρίδην τὸν Συβαρίτην ἢ τῶν ἄλλων τινὰς τῶν
ζώντων τὸν ἀπολαυστικὸν βίον, οὗτοι δὲ πάντες ἐν τῷ
χαίρειν φαίνονται τάττειν τὴν εὐδαιμονίαν· ἕτεροι δὲ
τινες οὐτ' ἂν φρόνησιν οὐδεμίαν οὔτε τὰς σωματικὰς
ἡδονὰς ἔλοιτο μᾶλλον ἢ τὰς πράξεις τὰς ἀπ' ἀρετῆς.
αἰροῦνται γοῦν οὐ μόνον ἔνιοι δόξης χάριν αὐτάς,
ἀλλὰ καὶ μὴ μέλλοντες εὐδοκίμησιν. ἀλλ' οἱ πολλοὶ
τῶν πολιτικῶν οὐκ ἀληθῶς τυγχάνουσι τῆς
προσηγορίας· οὐ γὰρ εἰσι πολιτικοὶ κατὰ τὴν
ἀλήθειαν· ὁ μὲν γὰρ πολιτικὸς τῶν καλῶν ἐστὶ
πράξεων προαιρετικὸς αὐτῶν χάριν, οἱ δὲ πολλοὶ
 χρημάτων καὶ πλεονεξίας ἔνεκεν ἄπτονται τοῦ ζῆν
οὕτως. ἐκ μὲν οὖν τῶν εἰρημένων φανερόν ὅτι πάντες
ἐπὶ τρεῖς βίους φέρουσι τὴν εὐδαιμονίαν, πολιτικὸν
φιλόσοφον ἀπολαυστικόν·

Consta que Anaxágoras, questionado por alguém que o
desafiava com dificuldades do género e lhe perguntava
por que razão é que alguém preferiria o nascer ao não-
nascer, terá dito: «Para contemplar o céu e a ordem do
cosmos no seu todo». Na verdade, ele pensava que era
por causa de alguma espécie de ciência que a vida era
digna de ser escolhida. Aqueles, porém, que têm por
ditosos Sardanápalo ou Esmindírides o Sibarita, ou
quaisquer outros daqueles que levaram uma vida
deleitável, parecem ter baseado a felicidade nisso
mesmo. Outros, por seu turno, não escolheriam
nenhuma espécie de conhecimento ou prazeres
corporais por preferência às acções virtuosas, enquanto
outros escolhê-los-iam apenas em vista da reputação,
mesmo que dela não obtivessem nenhum
reconhecimento. Apesar de tudo, a maior parte dos
homens políticos não deviam, em bom rigor, ostentar
um nome desses: de facto, eles não são políticos na
verdadeira acepção do termo, porque político é o
homem que escolhe as belas acções por si mesmas, ao
passo que um grande número de indivíduos abraça este
género de vida por dinheiro e ambição. A partir do que
foi exposto, é evidente que todos distribuem a felicidade
por três modos de vida: política, filosófica e de prazer.
[apud *Aristóteles. Ética a Eudemo*, co-trad. António C.
AMARAL – Artur MORÃO, Lisboa: IN-CM, 2019]

→ **TRANSCURSÃO ESQUEMÁTICA**

ACTO VOLUNTÁRIO >

> ESCOLHA ORIENTADA

[DECISÃO CIRCUNSTANCIADA]

[προαιρεσις]



➔ APOIO BIBLIOGRÁFICO

ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*, ed. bilingue, trad. Dimas de ALMEIDA, introd. Manuel J. CARMO FERREIRA, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2012

ARISTÓTELES. *Ética a Eudemo*, trad., introd. e not. António AMARAL e Artur MORÃO, Lisboa: Imprensa nacional-Casa da Moeda, 2019

BALME David, *Aristotle's Use of Teleological Explanation. Inaugural Lecture at Queen Mary College*, University of London, on 1st June 1965, London: University of London, 1965

BROADIE Sarah, «Nature and craft in Aristotelian teleology», in *Biologie, logique et métaphysique chez Aristote. Actes du Séminaire CNRS-NSF, Oléron 28 Juin – 3 Juillet 1987*, pub. Daniel DEVEREUX – Pierre PELLEGRIN, Paris: Éditions du CNRS, 1990, 389-405

CAPECCI Angelo, *Struttura e fine. La logica della teleologia aristotelica*, L'Aquila: Japadre, 1978

MARTINS António Manuel, «A Doutrina de *Eudaimonia* em Aristóteles. Da urgência de uma reconsideração da compreensão aristotélica da ética», in *HVMANITAS XLVI* (1994) 177-197

PAVLOPOULOS Marc, «Aristotle's natural teleology and metaphysics of life», in *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 24 (2003) 133-181

RICOEUR Paul, «Les structures teleologique et déontologique de l'action: Aristote et/ou Kant», in *Cahiers d'Études Pastorales* [6], Faculté de Théologie, Québec: Fides (1989) 15-27

SEDLEY David, «Is Aristotle's teleology anthropocentric?», in *Phronesis* 36 (1991) 2, 179-196

VEATCH Henry, «*Telos* and teleology in Aristotelian Ethics», in *Studies in Aristotle*, ed. by Dominic O'MEARA, Washington: The Catholic University of America Press, 1981, 279-296

ZINGANO Marco, «Deliberação e indeterminação em Aristóteles», in *Estudos de Ética Antiga*, São Paulo: Discurso Editorial, 2007, 241-276

ZINGANO Marco, «Eudaimonia e bem supremo em Aristóteles», in *Analytica* I (1994) 2, 11-40 [= reed. in *Idem, Estudos de Ética Antiga*, São Paulo: Discurso Editorial, 2007, 73-110]